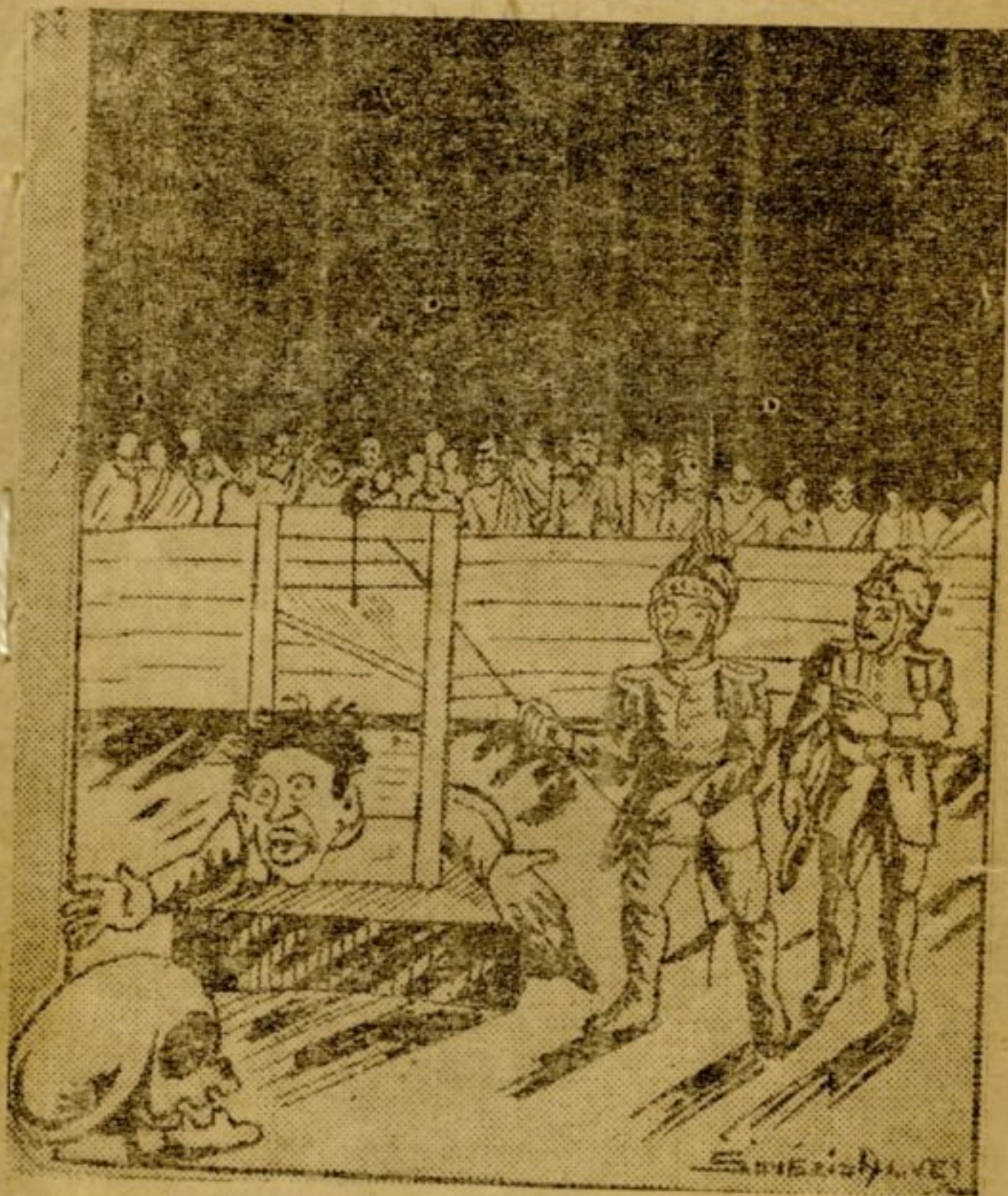


CALVARIO DE UM INOCENTE



Autor: -- Rodolfo Coelho Cavalcante --- Preço 1,00

Calvario de um Inocente

Leitores eu vou narrar
Uma historia comovente
A tragedia de um casal
Que vivia no Oriente
Que por causa de um sonho
O espectro do demonio
Entrou ali de repente.

No Reino de Alexandria
Morava na capital
Samuel Valter Sofia
Sua esposa Marinal
Viviam alegre e feliz
Gosavam deste paiz
O titulo de bom casal.

Samuel um certo dia
Começou a se preparar
E disse pra sua esposa
Que queria viajar
Tratar de certo negocio
La se avistar com um socio
Perto de Madagascar.

Marinal esposa dele
Disse aflita: Samuel
Quero te dar um conselho
Sou tua esposa fiel
Tive hontem uma visagem
Relativo esta viagem
Juro por Deus de Israel.

Meu sonho foi o seguinte:
Sonhei que tú viajavas
Porém de cabelos brancos
Tú para casa voltavas
E por isto eu te aconselho
Tome isto como espelho
Disse ele: que faltava!...

... Isto é apenas um sonho
Não tem nada de real
Arrume logo a malêta
Pois não mudo de ideal
Quero ir de manhã cedo
Pois disto não tenho medo
Ande logo Marinal.

Marinal coitada aflita
Sua mala preparou
As 6 horas da manhã
Seu esposo viajou
Com 12 leguas distante
Já cansado o viajante
Numa pensão se hospedou.

No mesmo hotel se achava
Hospedado um estrangeiro
Um caixeiro viajante
Homem de muito dinheiro
Vinha lá de Alexandria
Seguia para Turquia
Sosinho sem companheiro.

Samuel foi vendo o moço
Saudou-lhe com cortezia
Jantaram na mesma mesa
Passaram o resto do dia
Palestrando mutuamente
Desinteressadamente
Em assuntos de familia.

No outro dia seguinte
Samuel se preparou
Ao dono do hotel
Suas despesas pagou
Nisto chega o Delegado
Um sargento e um soldado
E pra ele assim falou:

Quêde o seu companheiro
Seu amigo de pensão?
Disse Samuel: senhores
Desejo uma explicação
Pois não tenho companheiro
Sou um simples passageiro
Mas porque esta razão?

Disse enfim o Delegado
Pergunto, aquele senhor
Que palestrava consigo
Não responde por favor
Ele está assassinado
E o senhor está intimado
Para este crime depor.

Assas... sinado?!... aquele...
Moço tão delicado?!...
— As suas malas senhor!
Disse rustico o Delegado
E' preciso se abrir
O senhor não pode ir
Para o caso ser apurado.

Abriram a sua malêta
E dentro da mesma havia
Um punhal ensanguentado
Cuja arma assim se via
Ser a mesma que matou
Samuel nisto ficou
Quasi falar não podia.

— Confesse logo o seu crime
Não queira nos amolar
Disse aquela autoridade
Inda quer nos desculpar
Samuel disse dolente
Senhores estou inocente
Não matei! nem quiz roubar.

Quem poz o punhal na mala?
Disse Samuel não sei
O Delegado disse pois bem
Em nome do proprio Rei
Esteja preso senhor
Acompanhe-me por favor
Quem julga isto é a LEI.

Foi ouvido Samuel
Pelo Rei de Alexandria
A côrte lhe condenou
Trinta anos e um dia
De prisão amargamente
Ja sofre inocente
Porque de nada devia.

A esposa quando soube
Da triste fatalidade
Procurou por todos meios
Ver a nobre magestade
Teve enfim uma audiencia
Mais o Rei com veemencia
Provou-a a culpabilidade.

Até mesmo Marinal
Vacilava realmente
Samuel diz-me a verdade
E's culpado ou inocente?
Disse Samuel: não crês
Tá esposa que me vês
De um modo diferente?!...

A Justiça me condena
Da terra porque é vã
Mas a Justiça divina
Mostrará tudo amanhã
Nada devo deste crime
Se o falso me deprime
A virtude é minha irmã.

Para o carcere Samuel
Foi cumprir sua triste sina
Trinta anos de martirios
Naquela carnificina
Sofrendo viciçitude
Perdendo a sua saúde
Sua força masculina.

Vinte e cinco anos leitorea
Samuel assim sofria
Sua esposa pela Lei
Casar com outro podia
Com 10 anos Marinal
Cazou-se na Capital
Com o Barão de Alexandria (1)

Quando faltava dois anos
Do preso se libertar
Um bandido facinora
Por nome de Gil Oscar
Foi preso por assassinato
Tinha feito um grande assalto
Dez leguas da capital.

Foi viver na mesma cela
Que Samuel convivia
Vae conversa e vem conversa
Ele a Samuel dizia
O crime que praticou
Trinta anos que passou
Por isto agora sofria.

(1) O malor banqueiro do Imperio

Mas, como? Samuel disse
O bandido vacillante
Disse eu matei um môço
Um caixeiro viajante
Roubei-lhe o que possuia
E um pobre pae de familia
Pagou por isto bastante ...

Eu puz na mala do outro
Um ensanguentado punhal
Disse Samuel: você
Neste momento fatal
Fez isto por insensatez
Ou foi por uma malvadez
Para culpa-lo total.

Fiz isto foi a proposito
Samuel nisto chorou
E disse-lhe ah! infeliz
Fostes a mim que causou
A triste fatalidade
Perdoa-me por caridade
O assassino exclamou

Eu! com que direito amigo
Eu posso te perdoar
Deus é quem te perdôa
Nisto chorando Oscar
Disse-lhe fui infiel
Mas me ouve Samuel
Eu quero te libertar.

Tua esposa hoje é casada
Com um riquíssimo banqueiro
Teus filhos estão todos homens
Quero ser o mensageiro
Da tua propria innocencia
Perdoa-me tensdes clemencia
Sou um infeliz traíçoeiro.

Estás perdoado Oscar
O bandido no momento
Procurou o Diretor
E deu o Depoimento
Contando o crime horreroso
Cabalmente doloroso
Do triste acontecimento.

Com quatro dias chegou
Pra Samuel a verdade
Sua innocencia do Crime
Vindo a sua LIBERDADE
Mas naquela mesma hora
Com os cabelos cor de aurora
Partiu para a ETERNIDADE.

FIM



Autor: RODOLFO COELHO CAVALCANTE

VENDE FOLHETOS E JORNAES DE
MODINHAS EM QUANTIDADE.

Rua Laurindo Rabelo 7-A - Liberdade
SALVADOR - BAHIA